

Entrevista

Entrevista com a Professora Ana Magnólia Mendes

Lêda Gonçalves de Freitas¹, Maria Eduarda Santos Pontes Pinto²

¹ <https://orcid.org/0000-0002-1288-7134/> Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

² <https://orcid.org/0009-0007-5200-5507/> Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Resumo

Nesta entrevista, a professora Ana Magnólia Mendes, referência nos estudos sobre trabalho e saúde mental, destaca a sua virada epistemológica, entre 2010 e 2014. A professora, frente aos contextos de trabalho cada vez mais adoecedores, começou a questionar o próprio objeto de pesquisa que sempre trabalhou, o adoecimento dos trabalhadores com base na psicodinâmica do trabalho. Ana Magnólia passou a perguntar sobre quem é o sujeito que está sendo formado e deformado pelo mundo do trabalho. Com tal questionamento, a pesquisadora redefiniu a linha de pesquisa ao focalizar nos efeitos que a própria pesquisa sobre o sofrimento produz em termos de potência política ou de transformação desses trabalhadores. Afirma que a psicodinâmica do trabalho virou uma psicodinâmica organizacional, funcionalista e adaptacionista, tornando-se um instrumento do capital. À vista disso, Ana Magnólia está centrada em estudar os dispositivos da clínica do trabalho e, como tais dispositivos podem ajudar os trabalhadores a se curarem dos adoecimentos que eles foram acometidos pelo capitalismo. Assim, utiliza-se do método psicanalítico, a clínica lacaniana orientada para o real. Atua com a psicanálise sem divã, uma clínica que busca a liberação do sujeito do discurso do pensamento único, hegemônico, totalitário, autoritário, que é o discurso do supereu.

Palavras-chave: Trabalho, Psicodinâmica Organizacional, Clínica Lacaniana

An Interview with Professor Ana Magnólia Mendes

Abstract

This work highlights the epistemological shift undertaken by Professor Ana Magnólia Mendes between 2010 and 2014. Confronted with increasingly harmful and illness-inducing work environments, the professor began to critically question the very research object she had long investigated: the illness of workers, analyzed through the framework of the psychodynamics of work. Mendes began to ask: Who is the subject being shaped and deformed by the world of work? This inquiry led her to redefine her research agenda, directing her focus toward the

Submissão: 05/08/2024

Aceite: 06/03/2025

Editora Responsável: Liliam Deisy Ghizoni

Editora de Leiaute: Gracilene Paiva Araújo

Editora Administrativa: Thamyris Pinheiro Maciel

Como citar este artigo: Freitas, L. G. & Pinto, M. E. S. P. (2025). Entrevista com a Professora Ana Magnólia Mendes. *Trabalho (En)Cena*. 10 (contínuo), e025012. 01-12.
<https://doi.org/10.20873/2526-1487e025012>

effects that research on suffering itself can produce in terms of political agency and transformative potential for workers. She argues that the psychodynamics of work has evolved into an organizational psychodynamics, functionalistic and adaptational in nature, ultimately becoming an instrument of capital. In light of this, Ana Magnólia has centered her studies on the mechanisms of the Clinic of Work and how such mechanisms can assist workers in recovering from the illnesses brought about by capitalism. Her approach employs the psychoanalytic method, specifically the Lacanian clinic oriented toward the Real. She practices a Psychoanalysis without the Couch, a clinical approach aimed at liberating the subject from the discourse of a single, hegemonic, totalitarian, and authoritarian thought system, namely, the discourse of the superego.

Keywords: Work, Organizational Psychodynamics, Lacanian Clinic

A professora-doutora Ana Magnólia Mendes é uma referência para a Revista Trabalho (EN) CENA, considerando que foi a pessoa que provocou a criação da revista. Tem uma história de engajamento nos estudos do mundo do trabalho no Brasil, tanto em suas pesquisas, quanto no agir para impulsionar a saúde mental dos trabalhadores. A entrevista foi realizada, via Zoom, no dia 23 de abril de 2023.

Entrevistadora: Prof^a Ana, obrigada por aceitar ser entrevistada pela Revista Trabalho (En) Cena. Inicialmente gostaríamos que avaliasse o mundo do trabalho, no Brasil, no atual contexto.

Entrevistada: Quero agradecer o convite da Prof^a Lêda Gonçalves de Freitas que eu já conheço, já tenho vínculos de trabalho e, também, pela revista, em função de ter sido uma revista que eu fundei, em 2016, junto com a Prof^a Liliam Deisy Ghizoni. É bom voltar para a revista numa outra condição, de poder falar sobre o que eu tenho feito, as minhas pesquisas hoje.

Então hoje, que não é exatamente hoje, desde 2014 que eu fiz uma virada nas minhas pesquisas, quanto objeto e pesquisa. Estou numa articulação entre a psicanálise lacaniana e a crítica social. A partir de um pós-doutorado que eu fiz em Nova York, com a professora Paola Miele, que é psicanalista. Na época, passei a questionar o próprio objeto de pesquisa que eu sempre trabalhei, que é a questão do adoecimento dos trabalhadores pelo trabalho, a partir dos estudos desenvolvidos ao longo de 25 anos em psicodinâmica do trabalho. Destaco que desde 2010 como referencial teórico não mais trabalho com a psicodinâmica do trabalho, apesar de ser bastante conhecida por esse referencial.

A questão presente para a virada de objeto é sobre quem é o sujeito que está sendo formado e deformado pelo mundo do trabalho. Essa pergunta redefiniu a linha de pesquisa que eu atuo atualmente, qual seja, quais são os efeitos que a própria pesquisa sobre o sofrimento produz em termos de potência política ou de transformação desses trabalhadores ou desses contextos. E uma evidência ficou muito clara quando, a partir das pesquisas que eu desenvolvi ao longo desses 25 anos, o estudo do sofrimento começou a me parecer, a partir da análise das várias pesquisas que foram feitas, como um estudo descritivo, onde você fala do sofrimento do trabalhador, mas não há, de fato, alguma intervenção nesse sofrimento.

Então, as pesquisas realizadas nesses 25 anos com base na psicodinâmica do trabalho, praticamente, todas foram feitas em contextos organizacionais, dentro de modelos fordistas, que é a crítica principal que a psicodinâmica faz. Eu observo, então, que a partir de 2014 o modelo mesmo da psicodinâmica do trabalho não dava conta mais de explicar o adoecimento e as patologias do trabalho. Assim, ao fazer uma crítica ao taylorismo e sem levar em consideração as mudanças no mundo do trabalho e a ascensão do autoritarismo, penso que essa abordagem perde força para pesquisar o mundo do trabalho no Brasil.

Eu, ao observar, a partir da escuta dos trabalhadores que desenvolvo desde 2015, da pesquisa clínica, a insuficiência dos modelos teóricos propostos para estudar um trabalho, começaram a não dar mais conta de algumas perguntas e de alguns tipos de adoecimento, de laço social e outros fenômenos que começaram a acontecer no mundo do trabalho. Então, é nessa lacuna entre quem é o sujeito formado e deformado por um capitalismo que nem era mais o industrial, o serviço, o financeiro, mas o digital que já aparecia nessa época como uma tendência forte, porque agora o que é vendido é a informação, então nós vendemos cliques e nós somos hoje completamente explorados, um trabalho análogo à escravidão, em cada clique que nós fazemos em cada um dos aplicativos. Estamos trabalhando gratuitamente para uma plataforma que não é abstrata, faz parte de um grupo hoje do capital que domina, por exemplo, a Amazon, a própria Microsoft.

O capital, hoje, vende informação numa velocidade que eu nem sei se o nosso cérebro humano é capaz de acompanhar. O trabalhador, eu penso, todos nós, a classe que vive do trabalho, está completamente, de alguma maneira, submetida, escravizada a um modelo hoje que é do capitalismo digital. Trabalhamos gratuitamente para essas plataformas que estão cada vez mais ricas e precisam cada vez menos dos trabalhadores. Com isto, temos um excesso de trabalhador sem trabalho e sem possibilidades de trabalhar, não só porque não tem acesso à internet, embora agora muitas pessoas tenham acesso, mas não é disso que se trata, é que o

consumo hoje, como lógica do capital, o consumo e a própria acumulação se dá pela venda online, pelos likes, pelos esses influenciadores.

Entrevistadora: Prof^a Ana Magnólia, detalhe mais as limitações da psicodinâmica do trabalho para responder às transformações do mundo do trabalho no contexto do capitalismo neoliberal.

Entrevistada: Percebo a voracidade de produção de informações e uma hiperconexão como quase uma patologia social. Esse modo de reprodução do capital, que já não se conforma em vender coisas, agora vende informação. Nesse contexto de mudanças os tipos de adoecimento e os tipos de patologia que começaram a surgir afirmo que os modelos da psicologia do trabalho, da psicodinâmica do trabalho, da psicologia organizacional não dão conta de responder, não dão conta de fazer uma análise, digamos assim, com mais profundidade. Portanto, comecei a perceber que os pensadores clássicos davam mais de entender esse processo do que essas abordagens que hoje eu penso que são funcionalistas e adaptacionistas.

Eu considero hoje que a psicodinâmica do trabalho virou uma psicodinâmica organizacional, o que é um sacrilégio com a sociologia clínica, porque a sociologia clínica já existe há muito tempo, então se transformou numa psicodinâmica organizacional. A psicologia do trabalho é a psicologia do emprego, e as questões hoje elas são tão, digamos assim, sutis e difíceis inclusive de serem apreendidas pelos pesquisadores, que não estejam, no meu ponto de vista, debruçados sobre uma teoria consistente do sujeito e do trabalho. Então, eu voltei ao bom e velho Marx e aos outros autores das três escolas da crítica social, frankfurtiana e também o retorno à filosofia. Todas essas mudanças me fizeram, como pesquisadora, voltar a bases mais filosóficas, principalmente o Foucault, que trata de uma forma muito atual das questões do poder, do saber, por exemplo. Quem é o produtor do saber hoje de um aplicativo, ou de uma rede, ou de um influenciador, por exemplo? De que lugar de produção do saber esse sujeito ocupa? De onde vem esse saber? De onde vem esse discurso? Assim, faço uma crítica à psicodinâmica do trabalho, até porque eu pesquisei 25 anos nessa abordagem, então me sinto bem confortável para criticar.

Entrevistadora: Então professora, a psicodinâmica do trabalho está na lógica funcionalista?

Entrevistada: É isso que virou, virou funcionalista, virou adaptacionista. Tornou-se de alguma maneira, num instrumento do capital. Portanto, está voltada para a fabricação de um sujeito que serve aos interesses do capitalismo. Assim, trabalha a dimensão do sujeito como indivíduo, conceito da Psicologia. Então eu digo que eu fiz psicologia para criticar a Psicologia, eu sou psicóloga de formação, mas eu sempre fiz uma crítica. A Psicologia é uma ciência colonizadora, ela nasceu assim, ela sempre foi. Então cabe a nós psicólogos sair dessa psicologia colonizada. Isso é bem complicado, desafiante, então eu tento fazer essa essa descolonização da própria ciência que eu me formei, porque sou psicóloga, meu mestrado, meu doutorado sempre foi na Psicologia, mas a gente precisa estar dentro para criticar.

Destaco que toda a minha história com a psicodinâmica do trabalho era porque ela se apresentava como uma alternativa crítica à psicologia organizacional. Hoje, eu observo que a psicodinâmica do trabalho se transformou em psicologia organizacional. Na França, na Itália e até mesmo em Portugal, a psicodinâmica do trabalho, como o Dejour pensou, como ele faz, enfim, ainda se mantém como uma alternativa crítica. Mesmo assim, a psicodinâmica não dá conta de responder às questões ligadas à colonização, à antropologia neoliberal, porque não é suficiente o arcabouço teórico-metodológico para isso, mas os pesquisadores que fazem eles ocupam esse lugar, não decolonial, porque não é porque ela também foi originada num país colonizador, e branco europeu, etc., mas e tem ainda uma sombra de um movimento político de crítica.

Entrevistadora: Professora e os seus estudos, hoje, como estão sendo desenvolvidos?

Entrevistada: O meu objeto de estudo são os dispositivos da clínica do trabalho e como eles podem ajudar os trabalhadores a se curarem dos adoecimentos que eles foram acometidos por esse modelo capitalista. Assim, faço isso com a psicanálise. No entanto, como diz o Jean-Michel Rivest, há psicanalistas que, também, usam a psicanálise como instrumento de adaptação e que passa também a ser funcionalista. Com isto, afirmo que a posição política do pesquisador, e não é política partidária, mas, a política no sentido mesmo de *poeisis*, como os gregos falavam, o que a filosofia entende que é política, é fundamental. Acho impossível alguém fazer uma escolha por psicologia organizacional e conseguir ter uma posição política, sei lá, eu acho estranho, mas é, dentro da psicologia do trabalho não são muitos os pesquisadores brasileiros que fazem a crítica. Tem um grupo que faz parte, que faz uma psicologia crítica, mas não é a maioria.

Entrevistadora: Foi o real do trabalho no Brasil que a fez deixar a psicodinâmica do trabalho.

Entrevistada: Importa para mim na teoria do sujeito, na clínica, a potência política de tratamento para os trabalhadores que estão adoecidos. Então, essa também foi uma razão importante para eu investir na psicanálise, visto que, a quantidade de demanda que começou a aparecer nesse projeto de atendimento, principalmente ligado ao assédio moral, que é estrutural. Então, o agravamento das patologias e do adoecimento me fez pensar não só na teoria do sujeito e ter clareza de que a psicodinâmica do trabalho não atua para emancipar, mas, para adaptar, fazer reparos. Os trabalhadores buscam o atendimento da clínica do trabalho em nosso laboratório porque não há política pública de saúde do trabalhador, o pouco que tinha foi desmontado pelo governo autoritário.

A partir de 2015, passo a focar não mais nos trabalhadores que ainda estão suportando, mas naqueles que não suportaram mais. As demandas dos trabalhadores que começaram a adoecer em várias categorias, me levou a pensar qual seria o método para tratar esses trabalhadores e qual a teoria daria mais conta de entender esse adoecimento que não era mais explicado só porque a organização do trabalho é taylorista, porque a organização do trabalho é prescrita, porque as condições de trabalho são precárias. Isso está superado, não que não exista, é porque piorou muito. Há questões além dessas. Então não é que isso foi resolvido, isso continua terrível. Mas enquanto pesquisadora, que é o lugar que eu ocupo, que é diferente do sindicato ou da militância, enfim, da gestão, enquanto pesquisa, houve um esgotamento das pesquisas em psicologia organizacional do trabalho e na psicodinâmica do trabalho, porque essas variáveis ou categorias que estavam sendo pesquisadas, já estavam para lá de clara que elas existiam.

Entrevistadora: Quais foram suas novas questões de pesquisa?

Entrevistada: Minhas questões mudaram para: então o que está ainda faltando ser pesquisado? Quais são as lacunas que essas pesquisas apresentavam ligadas a esse modelo de gestão, mas também ligadas a essa antropologia neoliberal que já estava se instaurando nessa época? Então foram muitas lacunas que foram abertas para mim como pesquisadora a partir desses trabalhadores que adoeciam, trabalhadores das mais diferentes categorias. Então não era só mais os professores, historicamente a gente já sabe que tem problemas de adoecimento

pelo trabalho, não era só mais os profissionais de saúde, não era só mais a segurança pública, não era só mais quem trabalha em empresas privadas.

Desde 2015, quando o atendimento foi criado, começou a aparecer trabalhadores que eu jamais pensei que viriam no meu projeto, como médico do trabalho, como engenheiro, como psicólogo. Como assim que pessoas estão também adoecendo? O que é que está se passando? Então, isso leva a pensar, na época, por exemplo, nessa antropologia neoliberal, que não é mais uma coisa localizada, mas é algo que está disseminado, atingindo todo o planeta. Por quê? Como consequência da própria globalização, abertura de mercado, e etc. Então, é todo um sistema econômico que está sustentando um sistema político, legitimando uma situação histórica e isso produzindo adoecimento. Então, comecei a investir no método de tratamento e aí a psicanálise é um método de tratamento.

Entrevistadora: Fale do método que você tem desenvolvido na clínica do trabalho.

Entrevistada: Desde 2014, tenho dedicado meus estudos ao método psicanalítico, a clínica lacaniana orientada para o real. E o que é isso? Tem que se estudar, e se saber, e não é fácil, é um percurso, em 2015, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, então, tem sete anos que eu estou nesse percurso, tentando, aqui nos estágios, com meus alunos da graduação, que eu desenvolvo isso no projeto Tepic, de estágio, mestrado, doutorado. É um percurso longo para conseguir desenvolver uma clínica orientada para o real. Trabalho com a psicanálise sem divã, como por exemplo, o trabalho de um estudante com mulheres em situação de vulnerabilidade que usam a arte para sobreviver. Ele é psicanalista nesse lugar e o mestrado dele é entender o trabalho do psicanalista na rua, como esse projeto que eu faço, sem divã. Então, a clínica orientada para o real do Lacan, ela é uma clínica muito livre e essa liberdade favorece o uso dessa clínica em situações que não são as situações clássicas da psicanálise de consultório de divã, porque é um dispositivo de escuta livre, livre no sentido de que o que vai ser buscado é exatamente essa libertação, essa liberação do sujeito do discurso, do discurso do pensamento único, hegemônico, totalitário, autoritário, que é o discurso do supereu.

Nesse sentido é uma clínica emancipatória, é subversiva. Então, para completar esse raciocínio, que é a clínica que eu estou usando hoje, a clínica Lacaniana orientada para o real, feita para trabalhadores que adoeceram pelo trabalho. É a clínica do trabalho, porque é do trabalho que se trata, mas não só do trabalho formal, organizacional, mas o trabalho da clínica, o trabalho do clínico, o trabalho da supervisão, o trabalho do analista. Por quê? Porque nessa

virada, o conceito de trabalho também passou a ser importante. De que trabalho estamos falando? Porque é do emprego, é de atividade, é de tarefa, o que a ergonomia diz, que a psicologia organizacional diz, a psicologia do emprego diz, e aí por isso que foi o retorno ao Marx, no sentido de compreender o que é o trabalho como categoria ontológica e o trabalho reprodutivo.

Estamos estudando a noção de trabalho na psicanálise, porque o Freud tinha uma noção de trabalho, o trabalho do luto, o trabalho do sonho, o trabalho da elaboração que se articula com a filosofia, porque a filosofia é o trabalho de pensar. Então esse trabalho é o trabalho que hoje eu estou estudando.

Entrevistadora: E sobre os conceitos que está aprofundando?

Entrevistada: Um dos conceitos é o trabalho como categoria ontológica, que se contrapõe ao trabalho reprodutivo, e esse trabalho é o trabalho político, é o trabalho de pensar, é o trabalho do clínico, é o trabalho que não está, digamos assim, dentro do trabalho produtivo. Portanto, não é um trabalho reprodutivo do capital, por isso que eu falei psicodinâmica organizacional, porque eu penso que estuda muito o trabalho reprodutivo ou a psicologia do emprego, que é o que eu acho que a psicologia hoje tem feito também nessa pegada mais colonizada. O meu interesse, hoje, é: que trabalho o sujeito faz? O que é que vai fazer com que esse sujeito possa trabalhar sem ter trabalho? Há uma crise enorme com escassez econômica, um desemprego enorme, os trabalhos exploradíssimos que são esses trabalhos em aplicativos, que é explorar, mas como que, como subverter essa ordem pelo sujeito que trabalha, trabalho esse como é pensado tanto como um trabalho vivo, como um trabalho ontológico na filosofia, como um trabalho na psicanálise, que é o trabalho ligado a esse, para o Freud, ao sonho, ao luto e à elaboração, mas para o Lacan, ligado ao desejo e à ética do desejo.

Considero importante uma articulação entre a teoria do sujeito em Lacan e a teoria do trabalho, em Marx. O seminário 17, que se chama: O Avesso da Psicanálise, onde o Lacan estuda os quatro discursos. Lacan nesse seminário, em meio às ditaduras em todo o mundo, em 1968, faz uma releitura do próprio Engels e Marx, e afirma que as relações de poder, que agora existe o discurso capitalista estão tenebrosas. Com isto, reflete sobre o discurso capitalista nesse seminário. Assim, esse conceito é central para esse modelo que eu estou tentando organizar a partir da leitura dele e também da crítica social. O discurso capitalista, que é um discurso que é veiculado ou encarnado nas vozes do supereu. O supereu é um outro conceito importante, é um dos conceitos mais, digamos assim, onde a gente pode ver o dentro e o fora na psicanálise,

porque ele é algo que é dentro e vai para fora, algo de fora que volta para dentro, então ele faz essa articulação. Outro conceito fundamental é a psicopatologia clínica do trabalho em relação ao gozo, o conceito de desejo, o conceito de sublimação, e principalmente o conceito de pulsão, mais a teoria do sujeito.

Entrevistadora: E como Lacan desenvolve a teoria do sujeito?

Entrevistada: A teoria do sujeito em Lacan aparece no seminário Real Simbólico Imaginário. Neste seminário, Lacan trata da clínica orientada para o real. Estou, desse modo, estudando como base inicial, os discursos e o laço social e como que o discurso capitalista vai produzir os laços sociais patológicos. Estou estudando três patologias no trabalho, que é o medo, a melancolização e a normopatia. Estou me dedicando a essas três patologias que são produzidas por esses laços sociais patológicos. O discurso capitalista é um discurso totalitário, é o discurso do saber absoluto, o agente do discurso é o saber, é a verdade, é o pensamento único, isso é dito no seminário 17 do Lacan claramente, então não sou eu que estou inventando, criando, mas isso eu comecei a ver como que isso está se reproduzindo nos laços sociais.

Entrevistadora: Do ponto de vista do mundo do trabalho essas três patologias estão fortemente presentes nas escutas que a Senhora realiza no laboratório, certo?

Entrevistada: Sim, Isso! E essas patologias eu não as criei da minha cabeça. Foi a partir da escuta dos trabalhadores, a partir do método de tratamento que tenho trabalhado. A partir da escuta dos trabalhadores e a compreensão do adoecimento, a partir da narrativa deles sobre o próprio adoecimento, reconstruir a história do trabalho, essa é a lógica da pesquisa clínica, que é o que eu faço agora, utilizando o dispositivo da Clínica Lacaniana para tratar esse trabalhador, então a pesquisa clínica ela é de tratamento e ela é de coleta de dados ao mesmo tempo. Reitero que a clínica do trabalho que desenvolvo não é para tratar o trabalho reprodutivo, minha lógica é trabalho em sua categoria ontológica. Estou usando a clínica lacaniana orientada para o real. Lacan comprehende que a cura não está ligada a um efeito, a um resultado, então quando a gente começa a usar a psicanálise como referência, é outro paradigma de pensar a cura, então não existe sucesso, resultado, idealização. É um processo fora da lógica do capital, então isso que eu estava tentando dizer no início, é que muitas vezes os pesquisadores, mesmo usando uma teoria que é crítica, ou se diz crítica, a contaminação pelo discurso capitalista é hegemônico, de tal maneira que há uma superação dos paradigmas, da ideologia,

então reproduz a ideologia e não dá conta de descolar do paradigma que pensa aquele conhecimento, então é uma coisa bem complicada assim que eu percebi.

Entrevistadora: Então há uma confrontação da subjetividade do trabalhador?

Entrevistada: Sim, por exemplo, ele vai dizer, eu não vou falar de tudo, mas ele vai dizer um dispositivo muito importante da cura que é ensurdecer as vozes do supereu, ou silenciar o supereu, ou é se desembaraçar do supereu e rir do supereu, o supereu é a encarnação do discurso capitalista. Desse modo, se o sujeito consegue se desenrolar dessa voz tirânica que está dentro dele e fora dele, que é a questão onde o laço social se torna patológico porque a voz tirânica está dentro dele e está fora dele ao mesmo tempo. Quando o sujeito trabalhador consegue se desembaraçar dessa tirania e ocupa um lugar no discurso onde não existe um saber único, absoluto e nem existe uma única verdade, que seria o sujeito barrado, o sujeito castrado, esse sujeito já é considerado curado por ele.

Lembrei agora de um caso de uma paciente que era gestora, inclusive de uma empresa privada e estava sendo atendida aqui no projeto, então muitos trabalhadores do projeto não vem porque não podem pagar, mas o projeto é gratuito, mas eles veem porque o projeto vai tratar coisas que eles interessam. Elas veem em situação de assédio moral do chefe e tal, e no final ela falou assim, eu sou muito mais corajosa que esse cara, então, por exemplo, então essa questão de quanto que nós, em função desse discurso, esse discurso é muito massacrante e nos desqualifica muito geral, como trabalhador, mas como pessoa, enfim, isso é pior para as mulheres, é pior para os negros, cada vez pior.

Entrevistadora: A opressão no Brasil atual tem uma sobreposição de poderes, por exemplo, uma mulher negra e pobre sofre por ser pobre, por ser mulher e por ser negra. Essa interseccionalidade de opressões para as mulheres negras é por demais pesado, não é Ana Magnólia?

Entrevistada: Pois é, mas o que eu acho bom dessa crítica orientada para o real porque existe uma aposta, uma aposta que ali tem um sujeito, sujeito que é esse do desejo potente, que é massacrado, que é desaparecido, que é excluído, que é desaparecido. Eu tenho usado muito esse termo, sujeito ele é desaparecido na sua potência, na sua existência ético-política, então a clínica ela permite que esse sujeito reapareça, o que ele vai fazer, eu não sei, mas ele reaparece

porque ele está tão sumido, ele está tão desaparecido, ele não é só sujeitado, ele está desaparecido, ele está e aí hoje a gente tem o sujeito liberal.

Entrevistadora: É uma colonização capitalística geral do sujeito.

Entrevistada: Então ele está no modo digo, desgovernado, um laço social muitas vezes perverso, e aí uma aluna minha falou de um exemplo que eu gostei muito aqui, aluna da graduação, eu estava falando das saídas, das possibilidades de saída e quais são as possibilidades de saída? Eu não sei, elas são construídas a partir de um saber singular sobre a realidade, sobre o sujeito, sobre ele, então tudo que for, é ligado a algo que já está posto, que está imposto, que está definido como um único corrediço, porque o que a teoria dos quatro discursos vai dizer é que o discurso do Analista. O sujeito que está sendo usurpado da sua posição política, porque está sem corpo, está sem cérebro. Assim, o sujeito é equivalente à máquina, ou seja, está no automático. O sujeito desaparecido, ele não é desaparecido porque alguém acha bonitinho desaparecer com ele, é estratégico, porque para sustentar esse modelo econômico e político, o sujeito tem que estar apaziguado, é um sujeito que não existe enquanto potência política e ética. Desse modo, o sujeito é subjugado, colonizado, desaparecido, melancolizado. Essa patologia da melancolia, comecei a estudar depois da Covid, em função do trabalho em plataforma, comecei a observar já em 2020 para cá, essa melancolia que está acometendo os trabalhadores que estão em plataforma, então essa é uma hipótese bem recente que tem um aluno de mestrado que vai estudar essa questão da deformação de sujeito pela plataforma.

Entrevistadora: Ana, fala do seu livro “As Galinhas que lutem! O trabalho na Clínica Lacaniana”.

Entrevistada: “As Galinhas que lutem!”, o título foi criado, foi um presente que eu ganhei da Fernanda Duarte, que agora é minha colega aqui no UNB, aqui na pós-graduação, que me deu de presente o desenho da capa do livro. A galinha é o símbolo do supereu, então tem uma história, que é isso que eu trouxe ao desembaraçar-se do supereu, o rir do supereu, o brincar com o supereu, como uma cura que o Lacan traz. O milho é o que domina a galinha, o Jean Michel coloca que é, evidentemente, pelo desejo, pela potência do sujeito, sendo quase impossível dominar a galinha, que é o supereu, mas essa foi uma brincadeira para colocar o milho, o milho é o sujeito, então ele está sendo comido pelo supereu e depois ele está em cima, o milho está em cima da galinha, tentando ali, galopando em cima do supereu. Uma brincadeira

com o supereu, que não é nada fácil, é feroz, é gozador, é amoral, e é ele que diz, você pode, faça que você pode, então é uma voz tirânica que vem dando superpoderes, ou poderes a nós sujeitos que somos desamparados, que somos frágeis, e vai dizer, você pode, você faz, você consegue, você é essa voz tirânica que está no comando hoje, o supereu hoje que está comandando.

O livro é para falar do real, existe uma potência na clínica orientada para o real, mas é entender o trabalho como categoria ontológica em vários níveis, isso como uma potência política para tentar driblar esse supereu, enganar, dominar, brincar, com uma possibilidade de cura desse desaparecimento que o próprio sistema faz. O adoecimento seria a inexistência do sujeito, então o sujeito ele é desaparecido, ele adoece, porque realmente não é a constituição da potência. “As Galinhas que lutem! O trabalho da Clínica Lacaniana”, é um ebook feito pela editora “Circuitos” e está disponível de forma gratuita na internet. É só procurar.

Entrevistadora: Obrigada Profª Ana Magnólia, foi um prazer ouvi-la e saber que continuar pulsando outro mundo possível em sua pesquisas e inquietações

Entrevistada: Obrigada Lêda.

Informações sobre os autores

Lêda Gonçalves de Freitas

Endereço institucional: Universidade Católica de Brasília, Curso de Pedagogia. , Campus I - QS7 Lote 1 EPCT, Taguatinga Sul, CEP: 72030-170 - Brasília, DF - Brasil

E-mail: ledagfr@gmail.com

Maria Eduarda Santos Pontes Pinto

E-mail: maduspp@gmail.com

Contribuição das Autoras	
Autora 1	Realizou a entrevista, corrigiu e editou
Autora 2	Acompanhou a realizou da entrevista, gravou e transcreveu